

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO.

2.ª SÉRIE. — SETEMBRO DE 1872. — N.º 3.

PORTO ALEGRE.

TYPOGRAPHIA DA REFORMA. — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N. 51.

1872.

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

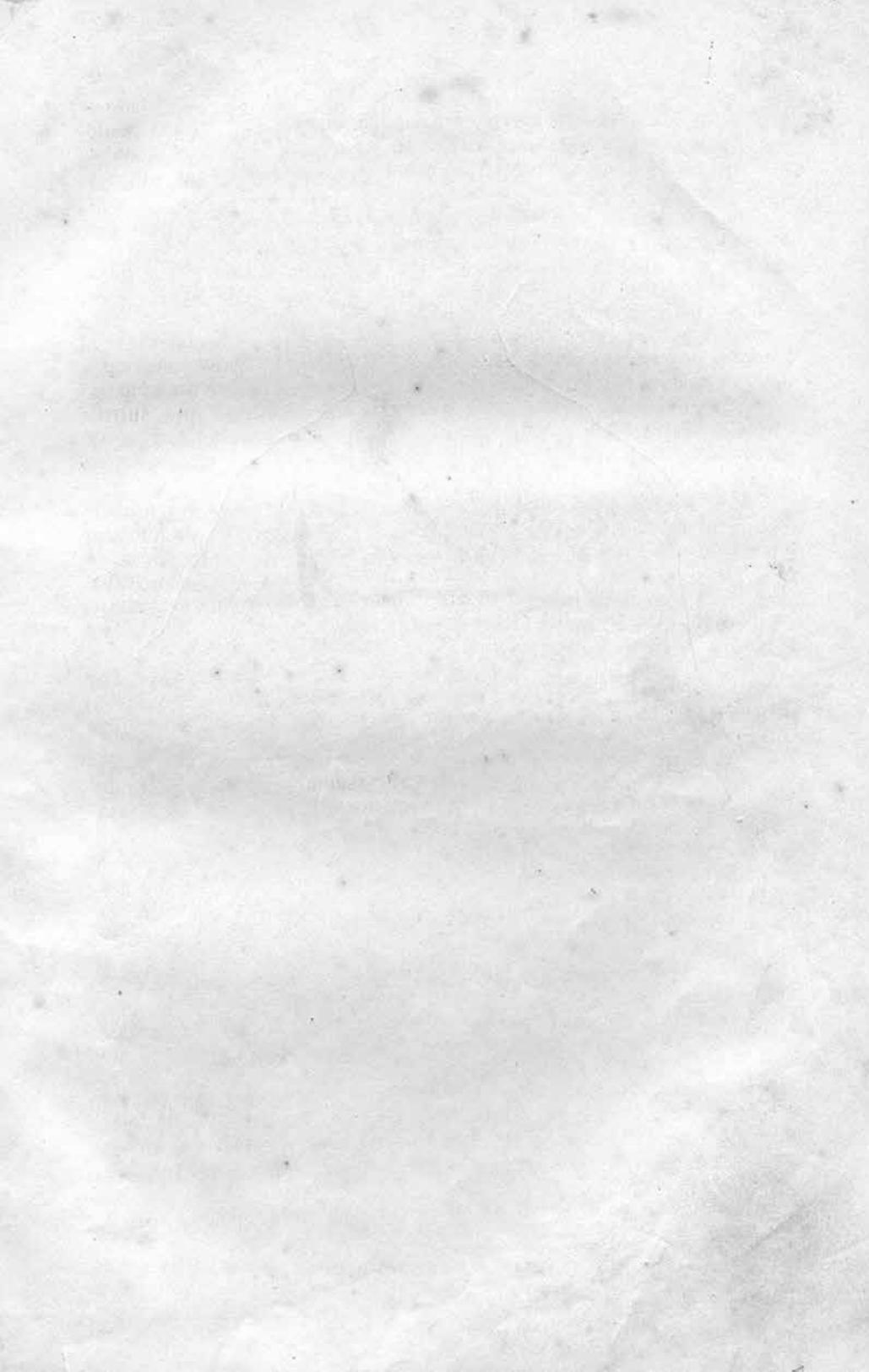
Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos,
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DE MEZ.

Vasco de Araujo e Silva.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.





Lith. par Brüggemann.

Lith. Imp. de E. Wiedemann.

CONEGO THOMÉ LUIZ DE SOUZA.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO

CONEGO

THOMÉ LUIZ DE SOUZA.

I.

Estamos incumbidos de stereotypar nas paginas da *Revista*, os caracteres elevados que tem existido entre nós e que podem servir de modelo á mocidade, afim de que reproduzindo as acções nobres seja ella digna da estima publica e util á sociedade nos diversos empregos de sua actividade.

A historia, a lição do passado, a tradição dos erros, ou virtudes da humanidade, de muito servem ao presente, ás sociedades de novo constituidas, porque dão a medida da fraqueza e das forças de que são dotadas, dos recursos de que podem dispor, e dos melhoramentos de que são susceptiveis.

Da mesma fôrma o registro das acções dos homens elevados, serve de correctivo aos que percorrem ora a estrada da vida precavendo-os contra os erros de que aquelles já foram victimas e animando-os pelos resultados obtidos no trabalho, abnegação, coragem, estudo.

Nas obras de Homero inspirava-se Alexandre, o macedonio, para as grandes empresas em que pensava, para as suas conquistas sobre os immensos imperios da Asia.

Napoleão I curvava-se ante o sepulchro de Frederico, o grande, e bebia na strategia dos velhos capitães da antiguidade o novo systema de guerra que punha por obra na sua luta colossal contra a Europa.

Virgilio modela-se nos cantos do poeta grego, cuja patria disputaram as sete cidades; e Camões por sua vez traduz a invocação e esboça os traços dos epicos antigos.

A humanidade sempre a mesma em todos os tempos, reproduz os typos mais importantes, e dadas circumstancias iguaes vemol-os representar papeis iguaes na sua existencia activa.

O grande geometra de Siracusa, a quem faltava uma alavanca no espaço para mover á sua vontade os grandes corpos celestes, vê-se apparecer mais tarde em Roma sob o nome de Galileu afirmando a existencia do movimento terrestre, e depois na velha Albion sob a prestigiosa aureola de descobridor da decomposição do raio solar, com a de Newton.

Os homens copiam-se uns aos outros, o que quer dizer que os caracteres reproduzem-se, milagre que operam a historia, o registro, as acções humanas, e os livros das sciencias.

E' por isto que a *Revista* dando á sua frente o retratô de homens notaveis, e offerecendo suas acções como modelos que podem ser seguidos, julga fazer um serviço real á esta provincia, por cujo progresso trabalha, promovendo os bons costumes e a illustração de sua esperançosa mocidade.

II.

Não são só os guerreiros, no campo mortifero da batalha, sob o peso de uma enorme responsabilidade, e de privações sem conta, que conseguem o titulo honroso de *heroes*.

Não são só os reis, os chefes e legisladores das nações, que conseguem a benemerencia, a gratidão e respeito dos homens sobre quem tem exercido o seu poder e autoridade.

Tambem os sacerdotes, os ministros dos altares, os medicos, e os industriaes têm direito ao respeito dos povos, a quem dão os conselhos e a sciencia, a saude e a riqueza.

O sacerdote sobretudo, a quem a igreja commetten a ardua missão de doutrinar e abrir as fontes de uma moral pura para os povos, guiando-os pela verêda difficil do celibato, da abnegação de si proprio, tem jus á veneração dos homens quando bem cumpre a sua missão, quando sabe triumphar de suas mais violentas paixões dedicando-se corpo e alma á regeneração dos outros, ao conforto e lenitivo dos que padecem.

O celibato que fôra um crime para o homem ligado á sociedade, é uma virtude de grande alcance para o que se dedica ao serviço do altar. Não ha muitos annos, quando o cholera devastava a cidade commercial

de Plymouth, os padres catholicos, os celibatarios, fizeram mais serviços que os protestantes, casados, em favor das victimas atacadas da tremenda epidemia, e a razão era que estes ultimos tinham de attender primeiro às suas familias, a seus filhos tambem tocados do flagello, em quanto que aquelles que tinham por familia e por filhos os que sofriam podiam mais alargar as suas obras de caridade e de amor do proximo.

O celibato pôde, no entanto, ser facil para almas privilegiadas, para naturezas calmas, mas ordinariamente é sempre um sacrificio difficil, um encargo que está acima das forças communs do homem, e que por isso não pôde deixar de tornar honroso e meritorio o que o abraça com fé e consegue tornal-o real durante sua vida.

Nós somos votados aos prazeres, aos gosos da mutua união entre os sexos differentes, o que leva á propagação, aos laços sagrados da familia, aos dôces deveres da paternidade, mas tudo isto desaparece ante a idéa quasi fatidica do celibato, o que é o abandono do que ha de mais puro, de mais santo na sociedade, os deveres para com a mulher e os filhos.

Educado o homem na familia, é claro que será com muita fortaleza e sciencia que tomará sobre seus hombros a pesada cruz do celibato e que servindo o altar terá uma luta continua, atroz, para vencer seus desejos, as tentações seductororas da carne, o que constitue realmente o celibato um verdadeiro sacrificio.

O sacerdote, digno d'este nome, é pois um heróe, tanto mais digno quanto os seus triumphos são silenciosos e se passam no intimo de sua consciencia, e continuos e de cada dia.

Expondo ao respeito da mocidade um d'estes heróes, que hão triumphado de si proprios e vencido-se nestes combates da abnegação contra a natureza, mostramos-lhes um modelo veneravel.

III.

Sentimos coar nos n'alma uma dôce e pura emoção ao desdobrarmos ante nós a pagina que nos occupa.

E' o retrato de um homem que conhecemos até a intimidade, de um homem que desde a infancia nos acostumamos a venerar pela sua autoridade de mestre, de sacerdote, por suas nunca desmentidas virtudes evangelicas, que vem tocar nossos olhos e commover-nos o espirito.

O padre Thomé Luiz de Souza, vigario geral nesta provincia por largos annos antes da creação do bispado, e vigario da freguezia da Madre de Deos d'esta cidade, era uma d'essas existencias na apparencia socegadas, placidas, beatificas; o espirito porém do homem pensador deve comprehender quantas lutas intimas, quantos triumphos sobre os impetos da natureza não se teriam passado na sua alma para chegar a conseguir a aureola de virtude que lhe adornava a fronte. Deve ser um vigoroso e bem formado espirito aquelle que se vence a si proprio, a suas paixões, a suas inclinações, á tendencia para os prazeres e

gos, e assume o caracter de austeridade e de dominio sobre si que o tornam notavel entre os seus irmãos.

O amôr de Deos pôde criar estes caracteres, pôde dar estes triumphos contra a propria natureza, pôde formar homens que abneguem de sua existencia em favor do proximo e que são o exemplo da mais pura caridade.

O padre Thomé é um modelo de virtudes, difficil de emitar-se; por isso, sua vida ahi ficou gravada no espirito do povo como de um dos poucos que entre os eleitos soube cumprir sua missão.

Ainda está na memoria de muitos o acto de respeito e de mutua veneração que se prestaram em face da população d'esta cidade, o padre Thomé e o padre Feliciano Prates, 1° bispo d'esta diocese, no dia em que fez aqui a sua entrada episcopal. Todos viram o mestre e o discipulo, o padre e o bispo, ajoelhados um ante o outro, entre lagrimas e confusão, sem saberem qual devia ser o mais humilde. Quadro digno de conservar-se no *Pantheon* de nossa cidade, para recordar virtudes que podem vir a ser raras, mas que o não deviam ser para felicidade dos povos!

De duas corporações soubemos nós que tentaram requerer a sua beatificação, e que foram demovidas d'esse intento por autoridade competente. Mas *beato* ou não, no indice da Igreja, elle foi um vulto venerando entre os seus coevos, e ha de ficar sempre como tal na memoria das gerações porvindas nesta terra.

IV.

Thomé Luiz de Souza, nasceu na colonia do Sacramento, sobre a foz do Rio da Prata, então dominio portuguez, em 21 de Dezembro de 1770, oriundo de familia portugueza, que no abandono que fez Portugal daquelle territorio refugiou-se como os demais nesta provincia.

Era seu pai cirurgião-mór.

O jovem Thomé foi desde seus primeiros annos destinado para a vida da Igreja, e por isso foi d'aqui enviado para o Rio de Janeiro, onde fez seus estudos no seminario de N. S. da Lapa.

Bem cedo foi ordenado presbitero pelo bispo D. José Joaquim Justiniano Castello Branco, recolhendo-se a esta cidade, onde estava sua familia, e em companhia de seu irmão e depois de seus sobrinhos, viveu todo o longo estadio de sua vida, dando o exemplo vivo da caridade, da mansidão e da mais notavel castidade.

Foi mestre de latim por muitos e dilatados annos e seus discipulos, dos quaes ainda alguns existem sexagenarios, lembram-se com saudade do mestre bondoso e intelligente que lhes descerrava aos olhos inda infantes as bellezas de Lacio. Entre os já fallecidos conta-se o 1° bispo d'esta diocese, o padre Feliciano José Rodrigues Prates, que como elle amou a virtude.

A sua provisão de professor publico de latim para a villa de Porto

Alegre, tem a data de 15 de Outubro de 1807 e está assignada pelo vice-rei Conde dos Arcos. Servia o lugar desde esse anno até 1831.

Em trinta annos de sua vida, de 1816 a 1846, é que o padre atravessa toda a sua ascensão hierarchica na igreja, lenta e obscura de titulos, mas resplendente e aureolada de virtudes no coração do povo que o amava, e que o admirava.

Quando se creou bispado na provincia, todos os olhares voltaram-se para elle, e talvez atravessasse a mente do Imperador primeiro o nome do santo homem que occupava o lugar de vigario geral em Porto Alegre; mas correu um boato adrede inventado ou real e que aproveitava aos que queriam dispensar favores em vez de servir ao paiz— o era que o padre Thomé não aceitaria o lugar de bispo e que mesmo era de uma bondade tal que não poderia arcar com a corrupção e allaneria em que viviam os padres da provincia.— O padre Thomé era *puro amôr*, não teria forças para derribar a matta brava da nova diocese. Talvez houvesse exaggeração em quanto ao sacerdocio do novo bispado, mas quando assim fosse, n'uma religião de amôr e perdão, seria aquelle padre, que era puro amôr, que semearia com mais vantagem a palavra de Deos, e dirigiria com mais firmeza a nova igreja.

Exemplos de bons padres havia-os inda, Thomé, e Feliciano tinham imitadores na pureza d'alma e na sinceridade de suas crenças, e algumas parochias viviam na paz e na tranquillidade do coração de seus pastores.

E' em 19 de Fevereiro de 1816 que por provisão do bispo D. José Caetano da Silva Coitinho foi o padre Thomé nomeado *examinador synodal*.

Em 9 de Dezembro de 1819, por provisão do mesmo, nomeado *defensor dos matrimonios*.

Em 23 de Outubro de 1823 teve as honras de conego da cathedral do Rio de Janeiro, por provisão do mesmo.

E' ainda por provisão do mesmo bispo, que em 4 de Maio de 1832, foi nomeado vigario encomendado da freguezia de N. S. Madre de Deos d'esta cidade, cargo que occupou até a sua morte.

Em data de 15 de Fevereiro de 1833, por provisão do vigario geral Antonio Vieira da Soledade foi nomeado vigario da vara da comarca de Porto Alegre.

E arcepreste por provisão de 4 de Dezembro de 1840 do vigario capitular Monsenhor Narciso da Silva Nepomoceno.

Taes eram os titulos do virtuoso padre, quando aqui chegou o illustrado conde de Irajá, bispo da diocese, que poude de perto observar a mansidão d'alma, abnegação do mundo pela observancia dos preceitos do Divino Mestre, e desinteresse das glorias terrestres e hierarchias da igreja. A sua admiração foi manifesta, surprehendeu-o a realidade e sua boa alma prestou homenagem ao merito elevado e raro, nomeando por provisão de 30 de Janeiro de 1846, vigario geral da provincia.

O padre Thomé conservou a vigararia da Madre de Deos até a sua morte, pelo amor que tinha ás suas ovelhas, ao povo que por elle estremecia, e com quem elle repartia, moeda por moeda, todos os seus honorarios, nunca alimentando a superstição, e condemnando no seio

das familia, a hypocrisia e os erros com o exemplo, com a palavra e com o perdão. Não quiz o provimento da nova parochia das Dores, por ser pobre e não dever suportar as propinas de um vigario que *se alimentaria* á custa do povo sem derramar a esmola para o bom exemplo que é o conforto d'alma.

E nem pode haver más interpretações, porque no seu espirito não morava a ambição, nem o interesse. Como padre era o exemplo vivo da caridade; e como homem e funcionario nunca reservou uma economia, porque para elle ella estava no amôr do pobre, no amor d'aquelles que sofriam.

Não lhe faltou, entretanto, incentivo para a ambição; desde os primeiros dias da liberdade e do Imperio, seu nome foi lembrado pelo povo, e quer no conselho da provincia, quer na assembléa provincial legislativa, tomou assento para advogar a causa do progresso e liberdade da patria. A sua presença ali, nos conselhos populares, era veneranda, e mais de uma vez, e sempre ultimamente era elle que presidia-os, com a mansidão e calma que tudo temperava, exconjurando os tumultos e as exacerbações das más paixões.

V.

No meio da agitação politica que trouxe a revolução de 1835, o padre Thomé Luiz de Souza, então deputado á assembléa legislativa da provincia, foi victima das más paixões, dos rancôres que dividiam os dous partidos, e quando um juiz de paz (1) tomou a si a tarefa de processar os chefes da revolução, o seu nome foi incluído na lista em que figuravam Bento Gonçalves da Silva, José Gomes Jardim, Onofre Pires da Silveira Canto, Pedro José d'Almeida, Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, e muitos outros, processados nos crimes, de *insurreiçào, rebellião, roubo, rapto, deturpamento, incendio, &c., &c.*

Poderia dar-se aos *agitadores* como causa directa ou indirecta de taes crimes na provincia, visto que tomavam a responsabilidade da *resistencia armada*, e faziam levas de cidadãos para levantar um exercito que trabalhou por mais de nove annos em guerra aberta, em desabrida campanha contra as forças do Imperio; mas ao padre Thomé era uma irrisão dal-o como autor de crimes taes.

E' verdade que em virtude d'esse processo os indigitados nelle, foram perseguidos, emquanto que o padre Thomé foi respeitado e já-mais presidente algum ou chefe militar teve nem ao menos a intenção de o levar ao carcere, como se fazia a todos os convencidos do crime de rebeldia.

A sua mansidão evangelica, o seu amor á *ordem*, o punham á salvo de qualquer attentado contra sua liberdade, além de suas immunidades sacerdotaes, e da influencia que exerciam seus parentes, o Dr. Americo e marechal José Ignacio, o primeiro dos quaes exerceu por mais de uma vez o cargo de vice-presidente da provincia.

(1) MANOEL JOSÉ DA CAMARA.

Compreende-se, no entanto, o que sofreu aquella alma, toda dada ao exercicio da caridade, em face d'aquellas atrozes calumnias, autorizadas e escriptas n'uma sentença condemnatoria, que pretendia infamar-o ante os olhos de seus concidadãos.

Depois d'este facto o tribunal e instituição do *juizado de paz*, da magistratura popular, pelo qual todos nós nos estremeciamos, escreveu a sentença de seu proprio banimento, tornou-se odioso, e abriu margem á possibilidade de uma reforma, que depois foi lei com data de 3 de Dezembro de 1841. Haviãam atirado muito alto a pedra do escandalo, para que não cahisse sobre a propria cabeça e os esinagasse.

Era ferir muito o coração de um homem de bem, e a largã scisura teria derramado muito sangue, se d'ali não manasse copioso o balmão da caridade sobre os rancorosos que a tinham feito.

O padre Thomé era a mansidão evangelica, a caridade christã, o typo raro da castidade. Sob a egide de taes virtudes elle soube triumphar das fraquezas humanas, da sorte asinha que só é partilha dos corações enfraquecidos.

VI.

Examinemos o padre Thomé sob qualquer das feições em que o representamos, e teremos sempre ante os olhos um heróe, que no retiro e sem ostentação bate-se dia por dia contra as tentações, contra as seduções dos prazeres santificados pela grandeza do fim, que é a existencia necessaria da familia, da propagação da especie.

Vêl-o-hemos pobre, derramãdo a esmola no silencio da noite pelas janellas e rotulas das casas das familias indigentes, temendo que o saibãam os que recebem, mas sem tómer a calumnia ou mã interpretação dos que o podiam surprehender no seu místico de caridade.

Teve quasi um seculo de vida e seus honorarios nunca lhe deram uma reserva capaz de o pôr á salvo das maiores necessidades. Viveu com os seus parcamente e ainda nos seus ultimos annos, nós o viãmos dividir o que recebia com as parcas despezas da casa o os pobres a quem destinava os pequenos embrulhos de *uma palacu* cada um, para dar aos que já não podia levar pessoalmente á casa.

Lembra-nos ainda dos muitos que só a elle se confessavam, e só d'elle queriam os conselhos, repassados de caridade e emoção, como os daria o proprio Mestre.

A sua intelligencia só enfraqueceu nos ultimos dous mezes de vida; até ahi elle procurava ir a cathedral e efficiar ajudado do seu prestimoso coadjutor e digno successor, o malogrado mancebo (1) a quem o bispo D. Feliciano havia dado as ordens de presbitero e unguido na pratica das virtudes que aprendera do santo varão então quasi nonagenario.

O padre Thomé Luiz de Souza, rendeu seu espirito ao creador,

(1) O padre LUIZ MANOEL GONÇALVES DE BRITO, ainda bem jovem fallecido.

no meio da consternação dos seus e de toda a cidade, em 14 de Dezembro de 1858, com 88 annos de idade, e, na mente convencida do povo, deixando o perfume de suas rescentes e raras virtudes.

VII.

Nos ultimos dias de sua vida o padre Thomé teve provações amargas, ás quaes respondeu, sem queixar-se, apontando para os que d'elle dependiam e recebiam o conforto e a protecção.

Deos perdôe aos que contra elle nutriam máos sentimentos— a inveja e o resentimento.— Sua vida exemplar, sua castidade rara, a candura e mánsidão de seu coração, eram uma condemnação viva dos máos sacerdotes, dos ministros do altar que escandalisavam os bons costumes e a moral publica, d'aquelles que negociavam no templo, que mercadejavam com os sacramentos e com a palavra de Deos.

Quantos não eram bons o olhavam com máos olhos, e espreitavam o momento de o ferir pelas costas, e sem que a opinião publica que o salvaguardava, o presentisse.

Acharam occasião opportuna nos ultimos dias de sua vida, e no momento em que a população queria levar a braços o seu cadaver até o cemiterio. Os cidadãos Dr. Ignacio Joaquim de Paiva Freire d'Andrade, Antonio José Gomes Porto Alegre, e muitos outrós, e de parte da população portugueza o respectivo consul Antonio Maria do Amaral Ribeiro, relutaram e instaram em prestar a devida homenagem ás virtudes do morto contra o que no momento queria impôr a autoridade ecclesiastica, sem duvida do numero dos que o desestimavam pela pureza de seus costumes

Não estavam sentadas no solio episcopal a grandeza d'alma e a virtude, pois havia fallecido o bispo Feliciano, o seu respeitoso discipulo — mas havia o povo de Porto Alegre, nobre pela altivez e pelo respeito aos bons costumes — honrado pela veneração que prestava ao padre, ao ministro sincero e devotado de uma religião de amor.

Não quizeram, depois de sua morte, que o povo o venerasse ostensivamente nos lugares publicos, mas não poderam, não podem os máos arrancar de cada coração d'este nobre povo a idéa intima que lhe mora n'alma, idéa de amor, de respeito, de veneração pelo sacerdote que soube, vencendo-se, collocar-se ácima das fraquezas e paixões humanas.

Os menos credulos ainda repetem—*se ha santos, o padre Thomé não pode deixar de o ser.*

Para as almas simples, para os corações singelos e puros o padre Thomé está santificado em toda a pureza de suas crenças.

Ufanemo-nos de pertencer a um povo que ama a virtude, que sabe honrar aquelles que a praticam.

Porto Alegre 11 de Setembro de 1872.

O VAQUEANO.

(NARRATIVA.)

IX.

O Caracará e a Jurity.

— Moysês, dizia André, sete annos lancei-me em busca do assassino de meu pai. Eu havia jurado uma vingança sem parelha.... Hé-puxa! se lhe boto a mão!.... Queria estaqueal-o durante dois dias, insultando-o, cuspendo-lhe às faces.... E depois?! Ah! Ah! Pôr-lhe-ia a marca da victima, o ferro em braza no rosto....

E fez breve pausa para rir como não ri um ente humano. Estranho rir, mephistophelico e divino! onde a ironia adunava uma dôr profunda, ao odio a grandeza d'um sentimento santo, onde o céu e o inferno pareciam fazer a mais incrível das allianças!

O mulato sentia gêlo até á medula dos ossos.

Rosita empallidecera. Um busto de lioz não tinha a brancura d'ella; mas tambem despedia do olhar rutilos do jaguar ferido. Semelhava uma camada de gelo, em cujo seio ebullia um volcão.

— Que tens, irmã? perguntou com acerbo sarcasmo.

— E' horrivel! E' horrivel! E occultou a frente entre os braços.

— E's muito piedosa! E tinha tal expressão no cenho carregado,

onde condensava uma tempestade, que arrancou um grito involuntario a Moysés.

Voltando-se para este, proseguiu :

— Não é nada ainda, Moysés. Descansaria por alguns dias. Vendi todos os meus cabedaes para campeial-o, semanas, mezes, annos e seculos, se fôra possível. Dobras, as tenho de remanescente. Depois das estacas o ataria ao palanque, e o laço havia de vergoar aquelle corpo infame.

Ah! eu não tel-o, não poder executar meus planos !

A raiva o suffocara, parou e tomou folego.

— Em continuação, cerceiando a mão direita, mandaria queimal-a em sua presença, mão maldicta, que, por Deos, hei de topal-a ainda ! Ainda, Moysés, nova parada, para tratál-o. Quem assim sábe poupar ao inimigo, torna mais doce a vingança.

E o fim ? Coepuxa ! Que bonita charqueada ! Carneava-o vivo.

O caçador em pé, aterrorisado, tinha uma mão na cadeira, em attitude de fugir. Os cabellos encarapinhados estavam hirtos no pericraneo, como os espinhos na palma da urumbeba.

A moça erguera o porte. ● collo arfava offegante. A colera bulhava ; das palpebras chispavam incendios. A fronte altiva derrubada sobre a espada, cingida d'uma aureola rubra e luminosa, era a mais sublime idealisação do desafio. A dextra erguida radiava uma provocação.

— E's um miseravel ! exclamou. E na phrase que soltara, espargira todos os éstos do coração, todos os effluvios d'alma. Aquella phrase queimava mais que a lava candente.

O irmão caminhou com passo lento, tomou-lhe o pulso, o constringiu a roxear, sem que ella mostrasse nos musculos a menor crispatura espasmodica de soffrimento, sem que soltasse um só gemido.

André disse com inflexão lugubre :

— Rosa, eu quero vingar nossó pai. Ouviste ?

— Mentos.... Elles cruzaram as armas.... Mentos, covarde ! ... Não ousarias affrontar José face a face.

André apertou-lhe o pulso com mais força. O sangue golfou em jorro.

Ella desmaiou.

— Mulheres ! ? Audacia e fraqueza ! Nодоas n'uma familia !

A abandonou.

Seu rosto readquiriu a impassibilidade habitual. As rugas distenderam. Procurou Moysés. Desapparecera durante a ultima scena. O mulato sahira allucinado. Só ao transpôr a soleira da casa, sentindo a baforada fria da noite, voltou a si e ponde reflectir. A caminho veio-lhe mentalmente a comparação do homem que deixara, com tão agradável conspecto occultando um coração pervertido, e os animaes que caçava constantemente. E em sua consciencia decidia que se o houvesse morto, teria feito um grande bem á humanidade. Velleidades teve elle de retroceder para satisfazer a inspiração de momento ; mas a commissão que desempenhava o retinha, bem como a especie de terror que lhe incutia o adversario.

— Caramba! Ver a pequena assim aperreada, e consentir que elle fizesse o que não deixo um caracará fazer á jurity!

Tive medo.... Ninguém dirá....

E assim ponderando, lembrou-se do dito do guaycanan: que a herva tranquilla escondia a jararaca.

— E quem mala uma jararaca, não tem lá nenhum crime, continuou a fallar de si para si. Valia a pena destroçar-lhe a cabeça. Não sei mesmo que diabo tive; foi uma nuvem que passou-me cá pela vista....

O grito da gaivota penetrou o silencio da noite.

Moysés parou o passo e o cogitar. Arrastado pelo monologo, abalado pelo que assistira, e quasi de corrida, esquecerá o companheiro.

O indio encostado a uma moita adormecera. O filho da selva tem o somno leve como o quero-quero da campina. Acordara ás compridas pisadas do caçador. Lobrigo-nim nullo na penumbra e em distancia, não ponde reconhecê-lo. Alirou o nariz ao espaço: tres minutos depois recebeu emanações que o fizeram desconfiar, e, para certificar-se sem perigo, deu o signal convencionado.

Outro grito da gaivota repercutiu.

Um corpo serpenteou na escuridão, como um reptil e foi detor se junto a Moysés.

— Então?

— A' canôa, depressa.

Regata nocturna.

A canôa deslison na superficie arropiada da laguna sem fazer bulha. Ia remando a voga sorda o indio.

Mal haviam arrancado da praia, os quero-queros desprenderam o clamor de desperto no descampado.

— O irmão acordou o branco. E suspendendo o remo debruçou meio corpo á borda da pôpa, com o ouvido inclinado para a terra!

— Que vêz? perguntou Moysés.

— O capim estala ás passadas do inimigo. O vento traz algumas vozes.

— Quantos julgas?

Sobreestave por instantes na mesma attitude, distendendo finalmente a mão e mostran'lo os cinco dedos.

— Vem perto?

— Sim, e a cotia não anda mais ligeira nas folhas sêccas do mato.

— Partamos, não ha tempo a perder.

E o mulato, engatilhando a clavina, que depositou sobre o joelho, travou com rapidez d'um remo.

A pequena nave arquejou e rompeu o seio das aguas, deixando após si uma esteira de espumas. Jámais o bigná sulcara a onda do lago tão ligeiro como o leve lenho.

O mulato procurava advinhar os motivos de semelhante perseguição. Enquanto os braços se esforçavam na retirada, o pensamento passava por laboriosa gestação. Quem o perseguia? perguntava. Não cria que o tomassem por bombeiro dos farroupilhas. Na villa ninguém mesmo os suppunha capazes da inaudita audacia de invadir um provincia comarcã.

Concluira isto da conversação que tivera com André antes do ultimo episodio que assistimos.

Quem sabe se o proprio André, como elle fôra testemunha da scena com Rosita, não queria envidal-o? D'aquelle homem tudo era facil de esperar.

— Moysés! rugio uma voz sobre a margem.

Era elle. O caçador, como ferido por uma pilha electrica, nutou sobre se devia responder. Resolveu calar-se.

Uma descarga de fuzilaria fez reverberar phosphorecentes as aguas que despediram feixes de scintellas, ao clarão inesperado. Uma bala assoviou junto á face de Moysés, que, tomando a arma, desfechou-a em direcção ao ponto d'onde atiraram. Um gemido annunciou-lhe que a carga fôra bem empregada.

O guaycanan travara do arco no fundo da canôa, e fizera tambem voar duas flechas, cujo sibilo foi abafado pela voz de Capinchos ordenando aos seus:

— Depressa ao bote, e tragam-me o negro morto ou vivo.

— Aos remos! gritou Moysés.

— Aos remos! repetiram os outros como em echo na leizira.

Então succedeu-se uma scena cheia de movimento, uma regata a vogas forçadas, onde cada qual punha todo o commettimento; uns em tocarem a terra, os outros em alcançarem a canôa.

Explicuemos os motivos que obrigaram André a seguir as pégadas do hospede arredio. Quando procurou-o e achou-se a sós, suspicaz como era, dominado por uma ideia fixa e invariavel de sangue, natureza felina sempre preparada ao salto, teve um presentimento ominoso. Ligou certos accidentes, ao principio desapercibidos, como o ar assustadiço de Moysés, o recato em dar informações, quando elle as pedira, e tomou a resolução de a todo o transe sondar a suspeita que pungia.

O mais já desfilou nas peripecias referidas.

Não restou-lhe, porém, mais duvida quanto ás más intenções do mestiço desde que o viu embarcado e fugitivo. Chamou-o e não obtendo resposta, mandou seis dos peões ou capangas, que o seguiam, atirarem, fazendo-os em continente embarcar. Um d'estes caliu-lhe ao lado e elle mesmo sentiu a pluma d'uma taquara titillar-lhe a pelle. Não intimidou-se, pelo contrario o ataque exarcerbara-o mais. Ter agora o inimigo sob seu guante ferreo, sob sua vontade inabalavel era não só urgente, porém necessario, impreterivel. Os meios não os considerava elle, o ex-estancieiro de baração e cutello, o homem que respirava pelo pulmão do crime, movia-se pelo nervo dos odios, não pensava senão pelo cerebro da vingança. Todos os meios eram possiveis, legitimos; o mais escabroso não era justicial-os, a difficuldade residia na execução.

Tambem a ella punha hombros com affinco desesperado. Assim havia doze annos que procurava Avençal, sem desanimo e fadiga; havia doze annos que a contrariedade desenvolvia-lhe de dia para dia o plano cruento em germen, fazia-o abrolhar mais robusto e vivaz, ajuntava mais alguns appendices terriveis, radicava-se mais em sua natureza, consubstanciava o proprio homem.

Não são apenas as grandes ideias, e os nobres e acendrados sentimentos que grangeiam fanaticos, os instinctos grosseiros, a causa do mal e da perversidade arrastam-nos tambem a seu carro de triumpho. Com Socrates vem Anyto, com o Nazareno a seita pharisaica, com Galilêo a inquisição Maxencio sorri, vendo a extenuação da victima ligada aos cadaveres; Nero depara um devaneio de artista no incendio de Roma.

N'uma esphera mais obscura e menos esplendida, porém não menos verdadeira destaca Avençal a par do vulto de André. A differença repousa na distancia da historia ao romance, a logica das paixões é identica.

XI.

Pechada morruada.

O tiroteio maritimo continuou talvez pelo espaço de duas horas sem a gente de André, apesar da superioridade do numero e do batel, conseguir dar abordagem ao fraco tôro de timbãuva concavado, cuja tripulação resumida e em retirada não entibiava de animo. A canôa ricochetava salpicando o ar de gottas por myriadas à cortadora quilha. Os remeiros tinham a vertigem do vôo.

O leviano madeiro semelhava à ave aquatica abrindo as azas e esvoejando à flor das ondas.

Os mercenarios peães não poderam nunca romper e ganhar terreno nas cincoenta braças que os distanciavam, nem poupavam balas que sempre desviadas do alvo, indicavam os braços servis que as atiravam.

O céu no entretanto embruscou-se, a frouxa claridade das estrellas começou a empanar pela carneirada de nuvens que uma briza do sul arrebanhava.

A escassez de luz protegia a Moysés e a seu companheiro, tornando-os menos visiveis; comtudo não embeveceu-se com o auxilio quasi providencial, vio que o perigo não era menos imminente. Com o pensamento em actividade, os pulsos em motu continuo, a pupilla accesa na treva espessa da noite, o suor a filtrar em bagas, não confiava muito em milagres sem o esforço individual. Vislumbrou-a a dôce esperança n'uma sombra projectada na face scintillante das aguas. Ha muito a contemplava com olhar magnetico. Era uma grande ilha de agua-pés que boiava na rôta seguida.

Quando avisinhou-se d'ella, achegou a bocca ao ouvido do indio, e disse em tom baixo e incisivo, indigitando-a :

— Ali.

Ergueu o talhe robusto, sepultou a clavina no fundo do pégo. O outro que logo comprehendeu-lhe o pensamento, tomou o arco.

Ambos segurando as folhas da planta marinha, impelliram com os pés a bórda da canôa que fluctuou em direcção ao norte; quando elles com bracejo surdo arrastaram a salvadora cêsta de nenuphares à margem meridional, e só perderam um pouco do terror mysterioso que os dominava, depois que ouviram mais ao longe o ranger dos toletes as remadas no bote.

● estratagemas illudiu perfeitamente os contrários.

Porém, qual não foi a admiração e pasmo d'estes, quando viram se o triste ludibrio d'uma illusão ou d'um acontecimento phantastico, de parando a canôa vazia. Interrogaram-se mutuamente com os olhos, com a palavra e os esgares.

Oscillaram alguns instantes duvidosos sobre o rumo que tomariam. Alfim com o instincto de feras esfaimadas foram no encalço certo. Verdade é que os perseguidos lhes levam lampas, além da circumstancia de terem desaparecido d'um modo extranho e sobrenatural.

O mulato e o guaycanan apojam á praia, galgam o solo entre a rama miuda e rala dos sarandys... Ladeiam alguns momentos o lago e internam-se n'uma ponta de mato, onde haviam deixado a sogá dois cavallos. Parou de subito Moysés, e levando as mãos á cabeça :

— Aquelle homem! Aquelle homem! Sempre que o encontro uma desgraça me acontece.

O outro curvando-se e examinando um arbusto d'onde pendiam ainda os fragmentos de duas rizeiras de guasca, disse com gravidade :

— O guaraxaim protege o inimigo, irmão. ● Os cavallos voltaram ao acampamento.

Sem trocarem mais uma palavra, ambos sumiram-se n'uma densa reboleira do matagal.

As nuvens caliginosas distenderam e o céu começou a peneirar fina garôa, que, condensando, cobriu a terra d'um manto inconsutil, alvacento e immenso, como o espaço que o olhar abrangia.

Deos velava por elles.

A cada passo interceptava-os á perseguição.

Meia hora escoara. Moysés e o guaycanan caminhavam calados e tristes, tendo na passagem sérias precauções para evitar que encontrassem a trilha percorrida por elles. Nenhum signal até então indicava que os sicarios de Capinchos os fariavam.

Subito o indigena estremeceu, abaixou-se, collou o ouvido ao chão e sacudiu a cabeça.

— O que ha ?

— Elles !

— Caramba !

— Trazem cachorros.

A brenha era cerrada. De instante a instante o latir dos cães aproximava. A folhagem ramalhou. O indio embebeu uma setta no

arco, a qual sibilou e deitou por terra um bugio. Também sem demora cingindo um tronco, trepou por elle acima. O mulato fez outro tanto. Ambos começaram a saltar de galho em galho como dois quatis que fogem á sanha dos caçadores. A viagem aerea foi de pouca duração, no espaço de menos d'uma quadra.

O guaycanan calculara que os seguiam pelo rasto. Matreiro como um veado que conhece o olfacto da raça canina, extinguiu todas as emanações que pudessem trahil-os. E para ganhar tempo e deter os cães, abateu o bugio que tivera a imprudencia de vir espreital-os.

Emquanto uns assim exauriam os recursos de defesa, a pconada de André tão pratica e conhecedora de semelhantes meios como elles proprios, não os economisavam para alcançal-os.

Desembarcando conheceram logo o desastre da perda dos cavallos e concluíram que fugiam a pé. Puzeram pois os animaes á pista.

— Furtam-nos a volta, disse um parando ante a preza que agonisava atravessada d'uma frecha. Vamos negaceal-os de outro jeito. Dividiu a gente em duas turmas e cada uma tomou differente caminho com o proposito de se reunirem n'uma campina fóra do mato.

O mulato e o companheiro sahindo do bosque, entraram n'um descampado, onde agachados entre as macegas proseguiram rapidos na retirada. Ahi encontraram uma partida volante de farroupilhas. Crearam alma nova, e, em vez de recuarem, avançaram, esperando a pé firme. O inimigo não tardou muito, vinha a marchas forçadas. Além da cerração, o auxilio que viera como cahido das nuveus, deu a Moysés o condão de fazer prodigios. E os fez.

Quando a gente de André pensava agarral-os e conduzil-os como terneirinhos á mangueira, soffreu tal refréga, que nenhum conseguiu escapar; uns mortos, outros prisioneiros.

— Caramba! rugiu o mulato, que pechada morruda!

IX.

A Estancia de Gil.

Devemos algumas explicações ao leitor.

Quaes as relações do vaqueano com o caçador?

Porque o ultimo resolvera tomar parte na revolução, reluctando ao principio em acompanhar quaesquer das parcialidades?

Lancemos uma vista d'olhos ao passado, onde descortinam-se as peripecias d'um drama congenere do que vamos esboçando.

Em 1813, Gil de Avençal, descendente d'uma antiga familia de vicentistas, que no começo do seculo XVIII viera em demanda de novas terras, vivia na Vaccaria feliz e abastado. Menos inquieto que a raça cyclopea d'onde provinha, raça que vencera todos os obstaculos e dotara o Brazil das fronteiras actuaes, Gil sentara a tenda sedentaria no sertão e deixara a vida deslizar como tranquillo regato á sombra do

arvoredo. Deos lhe dêra para cumulo de venturas uma terna mulher e quatro loiras crianças, prole mimosa e gentil em que remoçava e a cujos sorrisos transparentes de candura, desfranzia o cenho de natural carregado.

Possuia uma estancia de seis a sete leguas.

Quem no pino do dia contemplasse seus dilatados dominios, os immensos plainos a perder de vista, teria um espectaculo digno de recrear-se. A ubera savana semelhava a uma alfombra de turmalina com os mais variegados recamos, formados pelos reflexos de pellos dos innumerables rebanhos. Ali as rezes não se contavam senão nos apartes. Se havia necessidade de carnear uma, dois laços iam procural-a; um a enlaçava pelas aspas, o outro a pialava; e a abundancia era tal, que levavam apenas a porção mais preciosa. O que largamente remanesca deixavam para repasto dos urubús aninhados nos calvos mamillos dos sérros, ou aos maracajás e cães selvagens de espreita no debrium das selvas.

N'essa terra abençoada, onde a charrúa do progresso só ha quatro seculos começou a rolear, todos têm o seu quinhão na distribuição dos bens; inda a esphinge da miseria e do infortunio sem nome não atirou aos angulos do espaço um enigma desolador que faz aborrecer a vida e blasphemar de Deos. Ninguem morre de fome. Os fructos pendem das arvores seculares, a maniva rebenta por mil estolhos do terreno inculto, os campos pejant-se de armentio sem conta. Parecem dizer: Passaros do céu, habitantes das florestas e das campinas, vinde, isto tudo é vosso. O colono deixa a patria, e das praias ultramarinas vem faminto, sequioso, desesperado ao eden de Colombo, à luz d'um sol que alenta e não mata. A Europa é o Promothê mythico, em cujas visceras o bico d'um abutre trabalha sem cessar: a communa, que ha de arrojál-a moribunda às portas do futuro. A's vezes o homem aqui mesmo arranca um grito de angustia, róla na degradação de sua propria entidade.... Porque? Porque herdamos com uma civilização extranha, importada diariamente, seus vicios organicos.

Esquecemos a originalidade que nos era propria pela copia servil que nos mostra contrafeitos. Deviamos ser para imitar e não imitadores.

Deixemos, porém, a digressão e voltemos ao remanso de felicidade. Fallemos de Gil.

Além dos cabedaes mencionados, dizia-se que elle tinha em cofre riquezas fóra de toda a estimativa, ouro que minerára em época remota nas lavras de Santo Antonio, perto de Caçapava.

O maior amigo do estancieiro era José Capinchos. Occupava um dos principaes postos da fazenda e era pago como nenhum posteiro do tempo. Recebia mensalmente quatro dobrões, tres rezes para alimentação, uma ração de tudo que consumia-se em casa, devendo juntar-se a laes vantagens a permissão de criar n'uma sesmaria de campos e matos que lhe fóra doada.

Capinchos tinha rara habilidade para insinuar-se no animo do amigo, que, em qualquer negocio por mais intimo que fosse, o consultava, fazendo sempre prevalecer sua opinião.

Maria, a mulher de Gil, via seus conselhos bons e santos, como o coração que lhe pulsava no seio, destruídos ao influxo d'um extranho, a quem desde o principio voltára desconfiança, e para o qual sentia tão instinctiva aversão, que procurar extingui-la foi sempre dar-lhe incremento.

Era um anjo, Maria; a aza negra dos presentimentos locou-lhe o cristalino lago d'alma, riçou-lhe a superficie serena. Entristeceu a olhos vistos. E a prevenção em que estava para com o posteiro fizeram-n'a por vezes como entrever planos tenebrosos que, incubados silenciosamente no cerebro, vinham reflectir-lhe na fronte sombria. Porém calava tudo, recolhía-se merencoria e resignada no santuario de suas virtudes, no amor de seus filhos. Não queria que o mais tenue laivo de dissabor annuiasse o cêo do lar, onde jámais crusara o lozango de tempestades domesticas.

Uma tarde Capinchos sahira com Avençal a uma correria na selva. Dizem que voltára sósinho.

No dia seguinte a casa do estancieiro era um lugubre scenario, um quadro de horrores. Maria e trez filhos tinham sido assassinados. O marido, ninguem sabia d'elle, bem como do primogenito das crianças.

N'um ápice fôra consumada uma tremenda tragedia! A morte sel-lára tantos labios scintillantes de vida e innocencia! Almas candidas e puras o braço do crime abriu-lhes as veredas celestes, correu-lhes a cortina dos horisontes interminos, atirou-as aos braços de Deos.

Quem desfez o idyllo da ventura?

Que ave maldita soltou o pio agoureiro sobre a mansão placida e risouha, o retiro cãmpestre sumido e obscuro na immensidade dos desertos americanos?!

Foi o ninho do beija-flor no sarmento da mucunan. O pampeiro veio e levou-o!

TRIEMA.

(Continúa)

A ESCRAVATURA.

FABIO Á SALUSTIO.

EPISTOLA QUARTA.

Aguardas a continuação da minha epistola.

E tu, Salustio, estás certo que não faltarei ao promettido.

Distrahiu-me o hebraismo de Herder, mas sabes que não sou para tratar de fosseis quando a natureza em todo o esplendor de suas pompas vivaces me acena e me falla; Herculano pouco me dizia em suas mumias e marmores neste momento em que as lavas do Vesuvio se derramam sobre as aldeias dos arredores.

Deixei Herder pelo dialogo do discipulo de Socrates. O predecessor das doutrinas do Crucificado da Judéa tem mais interesse para o meu espirito e conforma-se melhor com o que tenho que dizer-te. E' da moral, é da sorte do homem que tu me questionaste.

Tratemos do nosso negocio.

Quantos brasileiros, filhos de escravas, suppões tu que nasçam nestes vinte e um annos?

Tu me dirás que excederão a um milhão, e aceito o teu arbitramento.

Vês hem, Salustio, que trata-se nesta questão da sorte de um milhão de creaturas que não devemos considerar só economicamente, mas tambem religiosa e politicamente.

Achas que devemos deixar no abandono, sem educação e sem ensino todos estes brasileiros?

Achas que o projecto satisfaz a necessidade moral que reclama a existencia dos novos livres?

Achas que só o Estado deve tomar sobre si a tarefa de preparar esses brasileiros para fazerem parte da vida nacional ?

Conheço-te bem, Salustio, para antecipar tua resposta.

A sorte dos novos livres está commettida ao dever do Estado e ao patriotismo de cada um de nós. Pode ser também objecto de especulação industrial.

O novo livre, criado no seio de sua mãe, pôde ser recolhido aos oito annos aos *asylos de liberdade*, casas de educação moral e de ensino profissional agrícola ou industrial, d'onde saíam agricultores ou industriaes, para rotear as terras devolutas ou estabelecer officinas ou fabricas.

O novo livre deve ter a educação do trabalho.

Perguntarás quem deve sustentar os *asylos de liberdade*; e dir-te-hei que elles se sustentarão *por si*, pelo trabalho dos proprios educandos.

Que gasta o Estado com os estabelecimentos, que são productivos, e augmentam de valor, convenio, porque esse capital voltará para os seus cofres, por venda feita à companhias agricolas, ou particulares.

Quando te disse que elles deviam igualmente ser confiados ao nosso patriotismo, entendi que comprehendias bem que criando em nossas fazendas ou granjas, esses nossos patricios, obtinhamos braços que lhe eram aditos pelo habito e pela gratidão, melhores que os *colonos estrangeiros*, a quem deixamos pagar na justa razão do trabalho.

Dize-me, Salustio, (é uma pergunta que qualquer outro moralista te faria) não seria preferivel deixar no seio materno a creança até os oito annos, e d'ahi leval-as ao *asylo*, à casa do trabalho, d'onde sahiria para libertar sua mãe e ser cidadão operario honesto, do que abandonar a educação da senzala e ao *servilismo por vinte e um annos* ?

O projecto de lei que me apontas é mais do que faccioso: é criminoso; e percebes que desejo que não seja norma para nossos actos legaes.

O *asylo* é uma empreza commercial de grande alcance economico, porque obtem braços productivos e vigorosos quasi pela troca do alimento, vestuario, e paga do administrador e mestres agronomicos.

Disse, pois, com muita propriedade que elles fariam objecto da especulação industrial.

As quatro paginas de que disponho apenas neste momento, não me dão largas para ampliar-te o meu pensamento, mas é a ti que fallo e tu comprehendes bem o plano que seria mister desenvolver nesse negocio.

A educação do trabalho, a regeneração pela mocidade, o estabelecimento e collocação dos novos livres — eis os elementos que indico em troca do art. 2.º do projecto fallaz e argucioso que só conduzirá à miseria e ao morticinio.

D'esta vez não segui o preceito de Horacio — *est brevis et placebis*.

Ave, cultor, Minervæ.

TANCREDO.

IV.

Eis como nasce a sympathia e o amor....

Um sorriso é bastante para criar um mundo de illusões, é faísca ardente que basta para incendiar.

Não erramos pois, quando precedentemente affirmamos que estes sentimentos muitas vezes traduzem-se n'uma palavra, ou revelam-se em um gesto.

Estas paginas intimas não brotou-as a phantazia de poeta, o sentimento que trasbordam derramou o coração e não a penna.

Tancredo amava e amava muito....

Marina era a estrella polar que o guiava no meio d'essa plaga infinita onde não raream as rosas nem os espinhos; não calculava os obices que podiam surgir no trilho de sua jornada, porque o amor não calcula, nem crê nos impossiveis que desfaz a esperança bebida na fé do enthusiasmo.

A frente do moço fervia em delirios.

Tancredo era um outro homem; já não era sua tez de vinte annos o espelho onde reflectia-se a placidez da alma, ella trazia o sello do sofrimento que é a vigilia.

Quem ama, luta tambem.... é grandiosa a pugna, porque quasi sempre é o espirito debatendo-se, tentando quebrar o circulo de ferro das convenções sociaes.

Mas o mundo que passa ri-se dos esforços frageis do lidador que trabalha, e o gargallar da turba cava um tumulto às mais bellas aspirações, porque mata a fé e sem ella não se vive, vegeta-se.

Tancredo passava pela quadra de illusões porque todos passam, quando o coração extravasava borbotões de mocidade.

Alma sonhadora, captiva-se ante um sorriso, que elle mesmo não

sabia definir se tinha sido filho da cortezia, ou inspiração de um sentimento mais elevado; a phantazia abre as azas e vòa enlevada por elle sem medir o vôo arrojado que faz nas regiões tempestuosas das paixões, vòa desmedidamente sonhando um futuro de felicidade, olvidando que quanto a imminecia é mais alta, mais feia tambem é a queda.

O que colherá o peregrino na affanosa romaria? Elle mesmo o ignora e quando a razão quer reassumir o dominio que lhe é devido, o coração pulsa e em cada pulsação parece-lho que o aconselha, murmurando—caminha.

E o idealista jovem cede, dizendo consigo: Ao porvir o que é do porvir. E' que nem sempre o triumpho pertence á razão!

Mas ha uma pessoa que acompanha passo a passo as transições rapidas porque passa o pobre moço, e querendo advinhar o que é, tem por mais de uma vez enxugado uma lagrima furtiva, sem ter encontrado uma solução que satisfaça.

O ente que véla sollicito, é desnecessario dizel-o á minha leitora, que já sabe de antemão que não pôdo ser senão D. Elvira, a nobre mãe de Tancredo.

E' real que ella não conhecia a causa, mas via os effeitos estampados na face pallida do filho.

Até então sua vida methodica tinha dividido o tempo em horas de trabalho e de descanso, as primeiras que eram do labor diario que traziam ao lar o necessario á vida phisica, não tinham soffrido alteração alguma, mas as ultimas que o moço partilhava entre a mãe e os livros, companheiros da solidão, tinham perdido uma hora que era gasta n'um passeio que fazia todas as tardes.

Esse passeio que invertia os costumes habituaes, ao mesmo tempo que sua physionomia deixava lêr as agitações que iam pelo interior, eram motivos bastantes fortes para attrahir a attenção da mãe extremosa, para quem o filho era um pensamento constante.

Um dia elle, chegando de volta da perigrinação, sentou-se fatigado junto a ella; esta soube aproveitar a oportunidade que o acaso lhe concedia, para saber aquillo que ha muito procurava penetrar.

— Escuta, filho, disse, será indiscripção minha perguntar-te o que vai-to pela alma? isso que guardas com tanto zelo no imo do peito, mas que tua fronte de moço mal sabe disfarçar, e teus olhos em cada lampejo trahem impiedosamente?

— O que pergunta, mãe? murmurou elle...

— Se não é indiscripção minha saber se soffres?

— Indiscripção! estranho tanto a linguagem, porque é a primeira vez que a oiço e não sei o que fiz para merecel-a...

— Não, Tancredo, a minha linguagem não mudou, porque a origem é sempre a mesma; quem mudou foste tu, eu sou a mesma; o que fiz para perder a tua confiança, ignoro, sô sei que soffres e não me concedes como ontr'ora o quinhão de teus pezares; isso magoa-me e se minhas palavras são ungidas de amargura é porque são filhas dos extremos que te voto.

— Perdôe-me, não trazem minhas palavras a mais leve consura,

minha sinceridade desfará a impressão d'ellas ; não mintu dizendo-lhe que não soffro

— Não soffres ! ? balbuciou a velhã e um riso de duvida frisou-lhe os labios ; no entanto a tua tranquillidade passada não vive contigo, as noites serenas e placidas deram lugar ás insomnias, unicas consocias dos soffrimentos ; o pô que cobre os livros, companheiros inseparaveis d'outros tempos, revela o desprezo que merecem hoje : e a melancolia apagou as alegrias dôces d'ontr'ora que o coração reflectia em teu rosto, e dizes que não soffres ; não, não posso crêr-te....

— Deve crêr-me ; não a illudo com falsos protestos, dizendo-lhe aquillo que não sinto ; repugna-me a mentira ; não nego-lhe que meu viver de hoje tem agitações que em outras eras não as conhecia ; se não tem o sello da serenidade, não traz tambem o cunho do infortunio, tenho uma alma que identifica-se com as impressões que recebo em meu caminho. Se vejo aqui um deserto arido, onde o ardor do sol mata o tenro arbusto, e onde impera alternadamente a calmaria e o tufão, fico triste, porque o deserto árido me entristece e a calmaria me soffoca ; mas se alli encontro a veiga florida descerrando aromas, palpitando vida em cada flôr que desabrocha, sinto-me outro, porque a veiga florida desperta-me o enthusiasmo, e a flôr que desabrocha concede-me seus perfumes. Eis o que soffro e o que tenho.

— Pois bem, seja verdade o que dizes, o que não comprehendo e o que não posso explicar a mim mesmo é como as impressões de hoje deixam-te traços tão visiveis que as do passado não poderam deixar !!

— Explico-lhe eu, mãi, é que vivo menos retirado que anteriormente, e mais perto das agitações do mundo, que inspiram....

— A melancolia ante o deserto árido, disse ella, concluindo a phrase do moço, e o arrebatamento despertado pela veiga florida, não é assim ?

— E' minha mãi ; mas vi e encontrei mais do que isso....

— E não seria imprudencia perguntar o que foi ?

— Não é ; a impressão mais cara para mim, não foi esta, foi a de tel-a encontrado, minha mãi, no meu caminho, coberta com as galas e louçanias dos deseseis annos, moça e linda, desfolhando sorrisos em minha passagem....

D. Elvira fitou o filho estupefacta.

— Vi mais ; vi sua imagem de anciã reflectida n'uma frente de moça e sua alma de mãi incarnada n'um corpo de anjo.

Vi tudõ isto e amei tudo o que via.

D. Elvira começava a comprehender os soffrimentos do filho.

— E que nome dás, proseguiu ella com doçura, a esse painel de côres tão bonitas ?

— Chama-se ... Marina, murmurou o moço com effusão.

O silencio succedeu entre ambos ás ultimas palavras.

Depois de alguns momentos de mudez em que a nobre senhora parecia recolhida com seus pensamentos, ella fitou o moço emquanto que com uma das mãos alisava os cabellos que cahiam-lhe sobre a testa juvenil, ao mesmo tempo que seus labios descerravam um sorriso, poêma de doçura e bondade.

Fitou-o alguns momentos n'um extasi de affecto e quebrou o silencio com estas palavras, palpitantes de amor:

— Eu confesso, filho, que meu temor foi feminino, porém, quando te via triste e alegre ao mesmo tempo, tinha medo, porque não podia comprehender como á sombra de um mesmo lecto se podesse alliar sentimentos tão oppostos, scismava sem poder adivinhar, não me vinha á memoria que tu ainda não tinhas pago tribulos á mocidade que te arfa impetuosa no seio; agora que sei o que te vai pela alma, peço-te que tranquillizes-me de todo.... E's amado?

— Creio que sim, mãe, balbuciou o moço beijando-lhe a dextra.

V.

Duas palavras sobre a protagonista d'este conto.

Marina merece um capitulo, porque seria imperdoavel que deixassemos nossa leitora cingir-se ás impressões recebidas nas — PAGINAS INTIMAS — de Tancredo, que a pintou com a penna, espadanando arrebos apaixonados.

Marina é realmente o lyrio do val descerrando as pétalas ao orvalho da alvorada.

Se ha um ser creado, para quem a natureza profusamente concedeu dons de belleza; esse ser é ella.

O thuribulo do sacerdote não queimou insenso aos pés de uma falsa divindade, nem o sachador criou uma illusão desfeita ao primeiro lampejo de luz matutina.

Quem ama tem por qualidades indispensaveis ser poeta e artista.

É Tancredo o é. Artista extasia-se ante uma das virgens de Raphael;— poeta, admira um poema, que não é mais que um sorriso de mulher.

Tentemos um leve bosquejo de sua existencia.

Se fossemos fatalista diriamos que uma má estrella illuminára com o clarão da desgraça o berço innocente de Marina.

Seu pai morrera tres mezes antes d'ella ver a luz do dia e sua mãe pagara com a vida o tributo da maternidade.

E o que seria da avesinha, que tinha ao nascer a orphandade, e implume não podia voar na amplidão immensa, nem caminhar sobre a terra, onde brota á par da flor olente o espinho venenoso, se uma mão generosa não acalentasse o berço da recém-nascida?

O que seria da rolinha no momento em que o machado do lenheiro tombou o ninho com a quédia da arvore?

O que seria senão a existencia de uma florinha nascida ao romper d'alva e ao meio-dia crestada pelo ardor do sol no zenith....

Mas a dextra caridosa que cerrara as palpebras da mulher infeliz quando sentia fugir-lhe a vida, no momento supremo que cingia á fronte o diadema de mãe, devia tambem cobrir de beijos a boquinha infantil que soltava o primeiro vagido.... Sublime painel que debuxava um tumulo e um berço, uma aurora e um crepusculo!

Assim foi e assim o fez D. Margarida.

Os laços contrahidos entre Margarida e a mãe de Marina, jámais o tempo podera-os quebrar, tinham-se fraternizado nos bancos collegiaes e a afeição da infancia gradualmente augmentára nos lances da vida positiva.

Margarida tinha sido o anjo da ternura e da amizade junto do leito da amiga, não podia deixar de ser a sacerdotiza da caridade ao pé do berço insonte da orphãzinha.

Margarida comprehendeu a religião do dever debaixo do modesto nome de — madrinha; e o arbustosinho fragil cresceu vicejante á sombra do ipé copado, protegido dos vendavaes.

Acompanhar passo a passo a existencia de Mariña, seria traçar uma longa chronica, perfumada com o affecto e o amor, lenda radiante do lar domestico, sempre rica de sentimentos, porém sem utilidade para a narração; passaremos de longe por este periodo da vida da donzella, para acompanhal-a no momento em que attrahe nossa attenção.

A educação moral de Marina, dizemos com pezar, resentia-se de alguma falta de modestia, que seria sublime, se podesse alliar-se á sua belleza. Os extremos de sua madrinha foram a causa da vaidade que lhe apagavam e escureciam qualidades que de outro modo realçariam.

Habituada a ouvir dizer sempre que era bonita, que disputava ao jambo o moreno da côr e ao cysne os meneios graciosos, Marina, ao principio corava ante os enthusiasmos de sua mãe adoptiva que lisonjeava-lhe o amor proprio sem pensar que indiscretamente alimentava uma qualidade que não é vicio quando é limitado, mas que é funesta quando a falta de bom senso não tem força para esmagar no embryão o arrojio de um sentimento máo.

D. Margarida era boa, tinha os dotes precisos de uma mãe extrema, mas não possuia os predicados essenciaes de perceptora; porque uma lagrima de Marina trocaria a severidade indispensavel por uma dçura culpavel. E' com esta educação carinhosa de mais, mas bastante nociva, que a moça tornou-se orgulhosa de seus attrativos, orgulho que tinha habilidade de occultar a todos debaixo de uma falsa modestia, não deixando sequer uma leve sombra de suspeita.

A imparcialidade de narrador força-nos a tocar com a censura o typo sympathico da donzella, mas essa mesma equidade faz recalir sobre sua madrinha toda a culpabilidade.

Um grande contraste apresentam as duas familias protogonistas d'este conto; a diversidade de educação de ambos os jovens enlaçados no mesmo affecto, afastava-os um do outro, porquanto— um bebia no lar domestico a —vaidade;— o outro a—modestia...

Serão felizes?

O futuro nos dirá....

(Continúa)

O TROPEIRO.

CAPITULO I.

A safra da mandioca.

Era costume de minha familia assistir os primeiros dias da safra da mandioca, em uma chacara, no Caminho do Meio.

Quando o inverno começava a entristecer os campos e a desmaiar o esmalte asulado dos céos, já aquella boa gente da chacara dava principio aos preparalivos para a nossa recepção.

Quem passasse pela estrada e olhasse para a nossa casinha, veria logo, que havia festa ali.

As janellas abertas, as portas francas, o terreiro varrido, sem uma folha secca, o movimento enfim d'aquelle povo, tudo denotava ao mais indifferente olhar um grande acontecimento.

E a nossa estada ali no inverno era realmente um grande acontecimento para aquella gente.

Era a safra da mandioca, a que ia dar-se começo.

Quem não assistiu ainda ao primeiro dia da farinhada, não calcula o que vai de contentamento e prazer.

Todos vão á roça da mandioca que ondeia e brilha ao baier dos ventos como um mar todo de esmeralda, estremecendo aos raios do sol. Ahi entregues ao trabalho, gracejam, espandem-se na intimidade da convivencia, emquanto um d'elles canta uma d'essas cantigas simples que aprendeu creança, mas que só mais tarde, o coração e o isolamento unge de poesia e sentimento.

A quebra da mandioca é um trabalho que não cança, porque a ale-

gria e o entusiasmo anima o braço que faz vir à flôr da terra as raizes da planta.

Duas horas depois de terem ido à roça, já se vê na atafona o *monte*, onde ao de redor se accommodam os velhos, os moços e os meninos sem distincção de sexo, na permutação dos *capotes*.

Momentos depois o *rodizio* trabalha, e as prensas gemem sob o impulso vigoroso do braço habituado às lidas dos campos. E no meio d'aquella agitação constante, mas cheia de sorrisos, e de gracejos, cheia de alegrias sinceras, ouvein-se os sons da viola consorciados às vozes melodiosas de uma moça, pura e innocente como uma d'essas naturezas privilegiadas de que Deos formou o seu brilhante cortejo.

E o trabalho, e aquella tumultuosa alegria, vai até alta noite, embora o vento frio sopra impetuosamente, embora a neve em flocos caia sobre o estendal das colinas, e torne em chrystal as aguas limpidas e puras das serenas fontes, onde se estampa o azul esplendido dos céos.

Na atafona nem de dia, nem de noite param as machinas e o movimento; e quando vem o somno ou a fadiga, geme a viola no braço do moço lavrador e uma voz dôce logo se associa aos sons do instrumento.

Outras vezes depois do gemer da viola e da cantiga, um dos *raspadores* suspende a faca, agita-se em posição de descanso no *cepo* e começa a narração de um d'esses contos populares de que está cheia a nossa provincia.

Uma noite eu estava entre elles, e ouvi o conto do tropeiro.

II.

Juca Serrano.

Um dia Juca Serrano deixou sua mulher e a filhinha, loura creança de alvura de neve, e lá se foi á caminho da Vaccaria para em breve voltar conduzindo alguma tropa.

Sob o poncho do tropeiro palpitava um coração nobre e ardente de amor.

Laura, a sua mulher, era seu idolo.

E se alguem por acaso lhe dissesse um dia mesmo gracejando que Laura não o amava com todo o estremeccimento de uma natureza excessivamente sensivel, Juca Serrano, seria capaz de commetter um homicidio, ou perder o uso das faculdades mentaes.

Já não era amor, o que elle sentia, era uma adoração sem limites, um fanatismo inconcebivel que não se pôde descrever, a não querer se comparar o entusiasmo, o enraizamento, a grandeza do sentimento que se aninhava no coração do tropeiro, á uma d'essas paixões periodicas de que é victima a mocidade menos pensadora e cuja existencia dura tanto como uma flôr arrancada do hastil.

E como poderia elle deixar de amar Laura? Ella era tambem sua filha. Seus pais morreram deixando-a com cinco annos; e sem mais

parentes, Juca Serrano a recebeu em sua choupana, viu-a crescer e tornar-se moça junto de si.

Se o tropeiro não deu-lhe o cultivo do espirito, encheu-lhe o coração de thesouros de virtudes.

Rispido e severo com todos, physionomia concentrada sempre, só Laura exercia o poder de vel-o alegre, risonho e meigo como uma natureza infantil.

Um sorriso, nm olhar seu, era só bastante para tornar branda e dar alegria á natureza aspera do tropeiro.

Só junto de Laura, dizia o Serrano, é que sinto viver, ali sou feliz e nada mais desejo.

Quando elle seguia para a Serra, despedia-se de sua mulher como se fosse á longas terras, para não voltar tão cedo.

Seus olhos banhavam-se de lagrimas e sua fronte ennuviava-se de tristeza no adens da despedida.

E quando se ia estrada fóra, nas horas calmas do dia, ou á luz suave do luar, n'aquelle isolamento immenso e cheio de tristezas, seu coração desabafava os pezares na cantiga melancolica do filho dos campos.

III.

Ingratidão.

Corria o mez de Julho de 1836.

Na fralda oriental do Morro de Sant'Anna, estavam acampadas as forças rebeldes ao mando do coronel Onofre.

O acampamento estendia-se das terras do velho Francisco Terra, até quasi as proximades do Capão da Fumaça.

Ainda hoje vê-se n'uma eminencia como que dominando aquella solidão a *Casa Branca*, transformada então pelos repblicos em hospital. Era ao entestar com os campos d'esta fazenda que se via a casinha do Juca Serrano, protegida por duas figueiras seculares, deixando apenas ver-se a fachada, como uma garça escondida n'uma moita, e com o peito unicamente descoberto.

Do acampamento á casa do tropeiro era apenas um galope.

Laura na ausencia do marido costumava receber as visitas de um tenente das forças rebeldes, chamado Pedro Xavier.

Aquellas visitas amiudadas, a convivencia do tenente, foram logo pela visinhança interpretadas com bastante dezar para Laura, e em poucos dias não se fallava senão da conducta ignominiosa da mulher do tropeiro. Porém d'esta vez a opinião publica não errara; Laura havia-se deixado cahir do seu pedestal de virtudes, talvez para sempre.

Ella que apenas contava 17 annos, sem experiencia do mundo, não teve a coragem necessaria para pisar o aspide da seducção que havia de envenenar-lhe a existencia pura e immaculada.

Pobre Juca Serrano! Entranhado lá pelos sertões da Serra, cruzando caminhos cheios de asperezas e de precipícios, quando julgaria elle que a desgraça e a vergonha haviam de mãos dadas transposto a soleira do lar rustico e pobre, mas animado outr'ora de alegrias e riquezas d'alma!

Pobre d'elle! Lá ia derramando n'uma de suas cantigas singelas, pelas solidões tristes e silenciosas, o fêl da saudade que exuberava-lhe por cada fibra do coração.

Ah! pobre do tropeiro!

IV.

Desaffronta.

Havia já decorrido um mez e meio da partida de Juca Serrano. As sombras da noite desciam sobre a terra, algumas estrellas já resplandeciam tristemente nas alturas.

Só quem presenciou o aspecto dos campos á esta hora solemne é que pôde aquilatar as tristezas, a melancolia que se allia á todos os objectos da natureza.

Ao longe, — lá negrejam as serranias, uma ou outra arvore gigantesca isolada, transparece nas eminencias, brilha á furto uma luz na janella da czinha do lavrador; tudo é silencio, só se ouve o farfalhar da rama das arvores, a fonte a soluçar ou a voz do campeiro que se perde além na immensidade.

N'essa noite o vento soprava bem forte, reverberando impetuosamente os fogos que já luziam no acampamento, como um immerso cardume de pyrilampos.

A lua não tardava a apparecer, já a pallida claridade que a precede por detraz dos morros annunciava a sua vinda.

Tudo era silencio. Ouvia-se bem longe sómente a cantiga de um camponez, a qual pouco a pouco se tornava mais intelligivel, até que afinal escutou-se perfeitamente a seguinte estrophe:

De saudades não se morro,
Se morresse eu não voltava;
Pois distante d'estes pagos
Só por elles suspirava.

Logo todos conheceram aquella voz mercencoria, que buscava no canto mitigar as saudades da mulher e da filhinha, que já ha tanto tempo não as via.

Era Juca Serrano!

De repente, porém o tropeiro emmudeceu.

Um visinho, seu amigo, conhecendo-lhe a voz, foi a seu encontro.

O tropeiro parou.

— Então, disse elle, como vai isto por cá?
 — Assim...
 — E Laura e minha filha?
 — Laura?!... Esta reticencia e entoação suspendeu por um instante a palpação do tropeiro.

— Morreu?!...
 — Morreu unicamente para a tua affeição e sem mais preambulos o visinho expôz o procedimento imperdoavel de Laura.

— Oh! não creio, disse o tropeiro, atirando para traz com desespero os cabellos negros e bastos, que a viração agitava, e apertando como um desvairado o cabo da faca presa à cinta.

— Bem, disse o amigo, só te peço que sejas prudente; e retirou-se, deixando o Serrano estatelado no meio da estrada, com a alma entregue ás affeições de uma dôr irremediavel.

Um raio da lua bateu-lhe em cheio na face livida, vindo testemunhar a desesperação d'uma alma nobre e altiva e as primeiras lagrimas repassadas de amargor que seus olhos derramavam na vida.

Momentos depois o tropeiro seguia a galope o caminho da casa, e quando chegou lá perto, sentio gelar-se-lhe o coração, e a cabeça como que ligada a um circulo de ferro.

A' sua chegada os cães latiram, mas logo emmudeceram, reconhecendo o senhor. Juca Serrano bateu á porta, sua mulher não se fez esperar; mas ao vel-o sentiu um abalo immenso, ficou immovel como uma estatua, e não teve um sorriso, um abraço para o pobre tropeiro que ha tanto já não a via.

A frieza, os embaraços, aquelle abalo de Laura, a condemnavam aos olhos do marido.

— Então como está minha filha, perguntou elle com os olhos presos no chão.

— Vai indo bem, respondeu, sem podel-o fitar.

E nem mais uma palavra foi trocada entre ambos, por longo espaço.

De repente Laura quebrou a mudez que reinava.

— O que tens, Juca?

— Estou doente.

— Mas o que sentes?

— Um mal que não se cura!

— Um mal que não se cura?! repetiu ella.

— Sim. Estou deshonorado. O que fizeste, Laura, da tua virtude, disse o tropeiro, derramando chispas de fogo dos olhos.

— Oh! não te entendo...

— Já sei de tudo.... Emquanto eu me expunha a atravessar os matos da Serra, por ti e por minha filha, tu me abrias a sepultura, Ingrata! Abandonada de todos eu te acolhi bem creança sob o meu tecto, dei-te depois o meu amor, o meu nome, e em paga de tudo isto, mulher infame, atraíçoaste-me.

— Juca, basta!... disse ella supplice, ajoelhando-se.

— Levante-se.... a Sra. não tem direito de me pedir mais nada.

Peça ao seductor que lhe mostrou o caminho da deshonra e da desgraça.

N'este momento a porta do quarto se abriu e Pedro Xavier lhe disse :

— Eu aqui estou. Quer uma reparação, não é assim? Pois siga-me e traga suas armas.

Juca Serrano foi á rede em que dormia a filhinha e a beijou como em delirio.

Emquanto á Laura, nem um olhar, nem uma só palavra lhe dirigira.

Ella desesperada, quasi como louca, soluçava de joelhos de frente a uma imagem de N. S. das Dôres.

Passados poucos instantes dois tiros repercutiram n'aquella solidão, e Laura cahiu desmaiada.

Pedro Xavier morrera. Uma bala atravessou-lhe o coração, sahindo ferido o Serrano tambem no hombro esquerdo.

O tropeiro voltou á casa foi á rede, tirou a filhinha, e montou a cavallo chorando como uma creança. Até hoje não se sabe para onde fôra.

Laura ficou louca e dois mezes depois foi encontrada morta n'uma sangra profunda, nos campos da— Casa Branca.

ACHYLLES PORTO-ALEGRE.

Porto Alegre—1872.

ESTUDOS PHILOLOGICOS.

I.

Ligeira opinião sobre a formação das línguas. Fórmulas que revestem segundo as épocas. Fórmulas syntheticas e analyticas. Principaes pontos de discriminação entre umas e outras.

As línguas se formam nas palingenezias sociaes e são a expressão de phases e revoluções operadas no seio da humanidade.

Querer entroncal-as a uma outra, filiando-as apenas pelo fanatismo ás filiações, é desconhecer a verdade historica, é desnaturar a marcha do espirito humano sempre em busca de melhores fórmulas que correspondam com mais exactidão á suas ideias e sentimentos.

Assim o francez, portuguez, hespanhol e italiano não mostram em sua formação a tão preconizada descendencia e origem da lingua latina. Decompostos, separados no cadinho da analyse os quatro idiomas mencionados, não apresentam senão uma amalgama de differentes elementos em sua contextura. Applicado o mesmo processo exclusivamente ao portuguez, não deparamos as feições latinas como tentam fazer cré-lo, e sim uma mescla de caracteres diversos: Como o raudal d'um rio, assim elle atravez dos seculos foi recebendo em sua passagem os cabedaes que o constituem actualmenté. Em cada período aperfeçoouse, desde o celtiberico rude, pobre, e selvagem até o brazilico, em que superabunda de riqueza e viço como a natureza americana, e a phrase adquire contornos suaves e inflexões euphonicas, que em Portugal estão longe de conhecer, e, quando lá o conhecem, o extranham em apostrophies ás vezes desabridas, como o fez Pinheiro Chagas. Mais tarde responderemos a tão distincto escriptor de além-mar.

Quanto á pretendida e decantada latinidade, vamos expôr as considerações que o assumpto nos suggere.

Uma lingua morre, passa do labio humano para o sarcophago de esquecimento absoluto ou para fazer nas estantes d'uma bibliotheca, não é por mero capricho dos destinos dos povos. E' que esta lingua não

tem mais o direito de ser fallada, e, se ainda subsiste, é pelos trabalhos do passado manifestos na gratidão do presente. A India, Egypto, Grecia, e Roma attestam-n'o claramente; e eis o motivo porque hoje procuram soletrar os hieroglyphos d'uma pyramide ou da teocalli mexicana, e o espirito adiantado dos tempos modernos esmerilha com veneração os dipticos dos marmores de Paros, as reliquias de Herculanium e Pompeia e os palimpséstos da era gothica. Constituiram um poderoso auxiliar na antiguidade, foram traços característicos d'uma civilisação que herdamos, deviam forçosamente existir nos archivos do futuro. Outras, não deixando monumento digno de perpetuar-lhes a memoria, no dia que a pedra dos tumulos sobre ellas cahiu, morreram para sempre.

Formular pois sem mais nem menos uma conclusão que torne uma das linguas vivas actuaes um como estólho ou perfilhamento d'um tronco morto, será sempre em nossa opinião o desconhecer radicalmente o genio das differentes épocas, dos povos e até a physionomia geographica, que tem mais influencia do que o supõem por meio de perfunctoria analyse. Quanto á ultima observação, para roborar a bastaria lembrar que na Europa falla-se o inglez, o portuguez e o hespanhol, e as mesmas são falladas na America, porém já distanciadas na pronuncia e no vocabulario do uso ordinario, muitos termos do qual são verdadeiros neologismos, mineração riquissima e original produzida pelas circumstancias do clima, costumes, &c.

As linguas modernas não nasceram sómente do influxo admiravel das grandes revoluções operadas pelo christianismo e invasão dos barbaros, que conseguiram demolir a gigantesca fabrica romana; uma outra necessidade facilitava e impellia seu apparecimento. O espirito humano tendia a manifestar-se com mais precisão e simplicidade, sem o sequito de difficuldades de que até então fôra rodeado, substituindo as fórmas analyticas ás syntheticas. Era toda uma questão de futuro, toda uma nova phase historica, que separaria duas civilisações tão completamente que o confundil-as seria para sempre impossivel. Separação pelas novas raças que vieram povoar a Europa, pela religião e pela linguagem.

O idioma do Lacio, no momento em que elle attingira o auge do esplendor e gloria, neste seculo denominado de Augusto, foi tambem quando comecon a ter consciencia dos defeitos que o detarpavam, da obscuridade, difficiencia de clareza e concisão e falta de methodo que irapediam de reproduzir fielmente o pensamento em suas varias e multiplas graduações, na complexidade de seus cambiantes. Havia um labyrintho do systema dos casos e verbos, no genero dos nomes classificados sem fundamento logico, na variedade infinita das dezinencias, no hyperbatho, que, se ás vezes usado com moderação imprime graça, energia e elegancia á phrase, tornado porém construcção d'uma lingua não passa d'uma incongruencia insupportavel, que traz por compauhia o tedio e a fadiga.

Um romano para saber-o bem devia gastar tempo precioso e longas lucubrações, como um fleugmatico habitante do Celeste Imperio á cata dos representativos de cada palavra.

Por isso na propria Roma nem todos se exprimiam por identica linguagem. O latim de Tacito, latim sabio pela estructura, não é o de Plauto que reflecte com mais naturalidade a conversação familiar, os costumes, a vida intima, nem o de Plauto é o dialecto que o vulgacho fallava na cidade, como os rusticos e os povos das provincias conquistadas. Os ultimos então necessitando de serem comprehendidos em suas relações com os conquistadores adaptavam á linguagem d'estes, polida e estudada, a barbaria da sua, grosseira e informe. O ultimo facto põe em evidencia a anarchia que não iria em paizes tão distantes nas trez partes do mundo avassalladas pelos descendentes de Romulo.

As questões sobre orthographia não eram somenos, nem menos complicadas. As origens perdiam-se na noite dos tempos. Hoje depa-ramos nos desaterros das cidades classicas adormecidas sob a crosta da lava vezuviana inscripções que fariam perder a cabeça ao mais pertinaz ruminante de etymologias.

Não é só ali, em eminentes authores as mesmas controversias. Augustus, o *imperator*, para debellar a desordem propunha o meio de escrever as palavras conforme a pronuncia, meio racional e consequentemente o unico legitimo, que deviam pôr em pratica entre nós, em vez de evocar diariamente processos fósseis baseados em analogas contradicções. E não só o propunha, como o fazia.

Os romanos sobre a palavra autor, por exemplo, levantavam escarcêos. Uns a derivavam do verbo *augere*, outros do grego, e a dissidencia trazia tres maneiras de represental-a : *autor*, *auctor* e *author*. Ora taes nugas grammaticaes podem satisfazer a espiritos ociosos, serão filhas de épocas, onde o pensamento sob a tutella do despotismo ou da superstição, que não deixa de ser tambem uma de suas fórmulas ostensivas, não ache outra esphera de actividade; porém, á luz d'um seculo de liberdade e conquistas democraticas em todos os sentidos, não é simplesmente espedicio de tempo, é outrosim a degradação de si mesmo, a inconsciencia da missão da personalidade humana. Entretanto, ai do escriptor, que, como o padre Theodoro de Almeida tentasse a escalada! O dente viperino da critica não lhe pouparia o crime de leza-antiguidade.

Temos até então fallado quasi exclusivamente dos defeitos das linguas que procedem pela synthese, como o latim, o grego, o sanscripto, &c.. isto é, das que regeram as primitivas civilisações.

Fallemos das que procedem pela analyse, isto é, das modernas.

TRIEMA.

(Continúa)

POESIAS.

A' LIBERDADE.

Em tudo o que de grande e magestoso,
A mão do Eterno fez surgir do nada,
Teu nome escripto está, em tudo o leio,
Dos céos oh filha, oh emanção sagrada !

E tudo o que tem voz, murmurios, cantos,
Parece ainda repetir teu nome !
Estrella a scintillar por noute immensa
A tua eterna luz nada a consome !

Teu brilho ás vezes se escurece um pouco....
Nuvens que passam no teu céu, estrella !
Oh! mas depois de te offuscarem rapidas,
Tu volves a raiar inda mais bella !

Oh liberdade, eu bem te vejo e escuto,
Em tudo o que de grande me rodeia !
No mar immenso que destróe colossos
E beija a suspirar a branca areia !

No correr do tufão que arranca á terra
O roble secular que ali nascera,
E vai depois beijar, todo em carinhos
A violeta que se enlaça á hera.

No condôr que se eleva e rasga as nuvens,
E nos arrulhos das pombinhas meigas ;
No espadanar das aguas em rochedos
Na lymph a deslisar por entre as veigas.

Oh liberdade ! oh minha virgem loira,
 Mal haja quem te busca o longo manto,
 E coberto com elle inunda a terra
 De sangue e maldições, de luto e pranto.

Chamou-te a França em alarido enorme,
 A' França foste da Gironda ao brado,
 Mas quando o povo delirou, que viste ?
 Por terra o teu vestido espedaçado.

Depois ergueu-se a trega guilhotina,
 E a voz que te chamara ali se cala.
 Vergniaud ! Vergniaud ! .. afflicta imploras
 Mas a Gironda já não tinha falla.

Então que viste oh liberdade?... eu tremo
 Só de lembrar o que teus olhos viram !
 Tantos tyrannos e grilhões tão ferreos,
 Nem antes, nem depois, homens sentiram.

Fugiste espavorida ! as vestes rôtas,
 E os cabellos de sangue inda manchados !
 Maldito aquelle que te erguer um templo
 Assente sobre corpos mutilados.

E' santa a guerra eu bem o sei, se acaso]
 A voz da patria nossa brio inflama.
 Na defesa do lar, como que o Eterno,
 As benções sobre nós ledo derrama.

Mas tu oh liberdade, oh loira virgem,
 O troar do canhão e o sangue odeias,
 Precisos não te são; a heroica Hespanha
 Sem sangue espedaçou duras cadeias.

Por ti não veio o Redemptor ao mundo ?
 E á voz divina tão sósinha e mansa,
 O cofre não se abriu de almas venturas,
 Em que o nosso presente inda descansa ?...

E o futuro virá ; uma voz intima
 Me diz que has de reinar de mundo a mundo.
 Quando a luz da instrucção baixar ao povo,
 Quebrando o povo seu dormir profundo.

Porto Alegre— Maio de 1872.

MANOEL GONÇALVES JUNIOR.

POR QUE ?

Porque deixaste, pallida madona,
 No teu riso sonhar tantos amores,
 Beijar a tua mão tão nivea e bella,
 De teus cabellos respirar as flores ?

Muitos amores eu fruí, sentindo
 Dilatar-se-me a vida em doce enleio!
 Porque na embriaguez de meu delirio
 Não fugio-me a existencia no teu seio ?

Porque tu vinhas ao cahir da tarde—
 De amores me fallar quando eu scismava,
 E me dizias a tremer? « escuta...
 Vês quanto eu soffro?! » e teu peito arfava !...

Porque vieste despertar-me n'alma
 Os preludios de amena phantasia,
 Se devias fugir-me, arrebatando
 As doces illusões de que eu vivia ?

Se inda posso sentir, porque não voltes
 Cheia de pejo segredar-me amores...
 Eu quero ver-te como d'antes pura
 Dormir formosa no tapis das flores.

O branjal ainda tem perfumes;
 Seductora visão de meus anhelos,
 Vem scismar !... quero ver-te enlanguecida...
 Sôlta as tranças gentis de teus cabellos !

Como a bonina no rigor da sésta
 A fronte reclinares pensativa,
 E comprimindo lua mão nas minhas
 Tremeres como treme a sensitiva.

Como a gota do orvalho se perfuma
 No calice da flor que a noite enclina,
 Deixa que minha fronte no teu seio
 Se embriague de amor, mulher divina !

SCEIRO JUNIOR.

CHRONICA.

Não começarei dizendo aos leitores que esta chronica é escripta ao correr da penna, não ; estou certo que me não creriam; e de mais, não desejo o epitheto de fatuo ; escrevo sem constrangimento ; se não agradar é que não possuo o cabedal preciso para chronista.

Creio que esta confissão será motivo para esperar muita indulgencia, e é assim pensando que venho, a meu turno, traçar algumas linhas, que significarão antes o cumprimento de um dever, do que uma exposição expontanea de idéas. Escrever uma chronica, como deve ser ella entendida, é tarefa summamente importante e superior ás minhas forças ; pouco pois direi, conscio de que por isso não me desejarão mal.

Começarei por despertar nos leitores a lembrança de um moço que lia pouco despiu as roupagens terrenas, e voou a envolver-se em nuvens de ouro e rosa aos pés de Deos.

Fallo de Affonso Luiz Marques, d'aquella fronte pallida, onde scintillava a luz da intelligencia, e onde mais tarde deveriam viçar corôas de louros.

Quem não o conheceu ?

Quem não pranteou o seu prematuro passamento ?

Erguido apenas para a luta das idéas, tendo na fronte a inspiração, que expandia na eloquencia da palavra, tombou exaustto no começo da romagem, legando ao mundo a sua corôa de vinte quatro primaveiras, recendente de perfumes.

Foi de certo uma fatalidade ! Affonso Marques honrava a sua terra, e nelle perderam as letras patrias um dos seus mais esforçados lida-dores.

O Parthenon Litterario, que o contava em seu seio como um athleta vigoroso, entristeceu ao vê-o desaparecer da terra, e, ferido o coração, desprendeu nenias de pesar infindo.

No dia 10 do corrente, trigesimo do seu passamento, teve lugar uma sessão funebre.

A salla estava coberta de luto, velava a bibliotheca uma cortina de crepe, e apenas um ponto branco destacava-se em uma das paredes lateraes ; era o retrato de Affonso Marques moldurado de saudades e perpetuas.

A's 7 horas da noite, reunido um grande numero de socios, abriu a sessão o Sr. presidente honorario Dr. Caldre Fião, e em um bem elaborado discurso fez o necrologio do desditoso mancebo.

Em seguida se fizeram ouvir os Srs. Augusto Rodrigues Tota, Carlos de Lavre Pinto, Zeferino Vieira Rodrigues e José de Sá Brito, que recitaram sentidos discursos, e os Srs. Hilario Ribeiro, João Damasceno Vieira, Francisco de Sá Brito, Gaspar Guimarães e Achylles Porto-Alegre, que em tristissimas endeixas attestaram o que lhes ia no coração.

Muita lagrima humedeceu as faces d'aquelles, que com expressiva sinceridade, rendiam um preito de honra á memoria de um irmão.

Langubre era o momento; os olhares se encontravam como que se interrogando, e iam cravar-se na cadeira enfutada onde sentava-se Afonso Marques.

E' que ali havia um lugar de difficil preenchimento; é que a saudade pallidecia-nos a fronte, e não mais reboava a voz suave de um amigo.

A's 10 horas levantou-se a sessão, deixando nos immersos em profundo tristor.

Sempre que podemos annunciar o apparecimento de alguma obra, fazemol-o com intenso prazer, e assim é que nos antecipamos em noliçiaro um excellente trabalho, que consta-nos estar no prelo.

E' elle um almanak da provincia; organizada pelos Srs. Ignacio de Vasconcellos Ferreira e Antonio de Azevedo Lima. Ainda que nada possamos dizer presentemente à respeito, pois aguardamos a publicação; crêmos comtudo ser um trabalho de merito, já por sua natureza, já por seus autores vantajosamente conhecidos.

Saudamol-os pois, e fazemos votos para que não arrefeçam no commettimento de identicas emprezas.

Mais um facto attesta que o Parthenon Litterario marcha sempre hasteando o lábaro do estudo, e que o indifferentismo, por mais que lavre, jámais poderá matar idéas grandiosas.

Fallo da installação do curso nocturno, cujas aulas começarão a funcionar no dia 1.º de Outubro.

Negar a utilidade em um curso d'esta natureza, mórmente quando organizado como o que acaba de installar o Parthenon, seria negar a existencia da verdade; assim dispenso-me de demonstrar o quanto podem aproveitar aquelles, que, occupados durante o dia, queiram ali instruir-se durante algumas horas da noite.

O Parthenon, não tendo em vista senão prestar seu fraco auxilio àquelles que d'elle carecem, julgar-se-ha bem recompensado desde que sejam cursadas as suas aulas.

Obrigado a restringir-me à vista do curto espaço de que disponho nas paginas da Revista, devo terminar, pedindo antes aos leitores mais um momento; devo recordar-lhes um vulto venerando, o padre Thomé Luiz de Souza, cujo retrato acompanha este numero.

Niuguem ignora quem era o padre Thomé, e aquelles, que não o conheceram, poderão, lendo a sua sua biographia, inteirar-se d'aquella vida sempre resplendente de virtudes.

Terminando, corre-me o dever de, por parte da redacção, agradecer o bom acolhimento dispensado à *Revista* em o seu primeiro trimestre; e esperando a continuação d'esse favor é que invidaremos todos os nossos esforços.

Porto Alegre. — Setembro de 72.